

NOVELAS

Samuel Beckett

Tradução

Eloisa Araújo Ribeiro

Edição preparada por

Vadim Nikitin

Martins Fontes
São Paulo 2006

O FM

Eles me vestiram e me deram dinheiro. Eu sabia para que o dinheiro devia servir, devia servir para me fazer sair do lugar. Quando eu o tivesse gastado deveria arranjar mais, se quisesse continuar. A mesma coisa para os sapatos, quando estivessem gastos eu deveria mandar consertá-los, ou arranjar outros, ou continuar descalço, se quisesse continuar. A mesma coisa para o paletó e a calça, não precisavam dizer, só que eu poderia continuar em mangas de camisa, se quisesse. As roupas — sapatos, meias, calça, camisa, paletó e chapéu — não eram novas, mas o morto devia ter sido mais ou menos do meu tamanho. Quer dizer, ele devia ter sido um pouco menor do que eu, um pouco mais magro, pois as roupas não me caíam tão bem no conego quanto no fim. Principalmente a camisa, cujo colarinho durante muito tempo não pude fechar, nem por conseguinte apurmar o colarinho postiço, nem juntar as abas, com um alfinete, entre as pernas, como minha mãe me ensinara. Ele devia ter vestido sua roupa de domingo para ir à

consulta, pela primeira vez quem sabe, não agüentando mais. Seja como for, o chapéu era um coco, em bom estado. Eu disse, Fiquem com o chapéu de vocês e devolvam o meu. Acrescentei, Devolvam meu casaco. Responderam que os tinham queimado, junto com minhas outras roupas. Entendi então que em breve estaria acabado, enfim, muito em breve. Tentei depois trocar o chapéu por um boné, ou por um de feltro que pudesse ser baixado sobre o rosto, mas sem muito êxito. Mas eu não podia andar sem chapéu, visto o estado de meu crânio. No início o chapéu era pequeno demais, depois se ajustou. Deram-me uma gravata, depois de longas discussões. Parecia bonita, mas eu não gostava dela. Quando finalmente chegou, eu estava cansado demais para dispensá-la. Mas acabou por me ser útil. Era azul, com um tipo de estrelinhas. Não me sentia bem, mas eles me disseram que eu estava bastante bem. Não me disseram claramente que eu jamais ficaria melhor, mas estava subentendido. Eu jazia inerte na cama e foram necessárias três mulheres para me enfiar a calça. Não pareciam se interessar muito por minhas partes íntimas, que na verdade não tinham nada de especial. Nem eu mesmo me interessava por elas. Mas poderiam ter dito alguma coisa. Quando terminaram, eu me levantei e acabei de me vestir sozinho. Elas me disseram para me sentar na cama e esperar. Toda a roupa de cama desaparecera. Fiquei indignado por elas não me terem deixado esperar na cama familiar em vez de ficar em pé, no frio, em trajas que cheiravam

a enxofre. Eu disse, Vocês poderiam ter me deixado na minha cama até o último momento. Homens de avental entraram com malhos na mão. Desmontaram a cama e tiraram as partes. Uma das mulheres os seguiu e voltou com uma cadeira que pôs na minha frente. Tinha feito bem em me mostrar indignado. Mas para lhes mostrar bem quanto estava indignado por não me terem deixado na minha cama dei um chute na cadeira, que voou longe. Um homem entrou e me fez um sinal para segui-lo. No vestiário, ele me deu um papel para assinar. O que é isso, perguntei, um salvo-conduto? É um recibo, respondeu, para as roupas e o dinheiro que recebeu. Que dinheiro? Foi então que recebi o dinheiro. E pensar que por um triz não fui embora sem um tostão no bolso. A quantia não era grande, comparada com outras quantias, mas para mim parecia grande. Eu via os objetos familiares, companheiros de tantas horas sofríveis. O banquinho, por exemplo, íntimo entre todos. As longas tardes juntos, esperando a hora de ir para a cama. Em certos momentos sentia sua vida de madeira me invadir até eu mesmo me tornar um velho pedaço de madeira. Tinha até um buraco para meu quisto. E na vidraça a parte que já não era fosca e onde nas horas de aflição eu colava o olho, e raramente em vão. Sou grato a vocês, disse eu, há uma lei que lhes impeça de me pôr na rua, nu e sem recursos? Isso nos prejudicaria, a longo prazo, respondeu. Será que não há um jeito de ficarem comigo um pouco mais, perguntei, eu poderia ser útil. Útil,

disse ele, está brincando, você estaria disposto a ser útil? Pouco depois continuou, Se acreditassem que estivesse realmente disposto a ser útil, ficariam com você, tenho certeza. Quantas vezes eu já dissera que seria útil, não ia recomeçar. Como me sentia fraco! Este dinheiro, disse eu, quem sabe eles não o aceitem de volta e fiquem comigo um pouco mais? Somos uma instituição de caridade, disse ele, e o dinheiro é um donativo que você recebe quando vai embora. Quando o tiver gastado deve arranjar mais, se quiser continuar. Nunca mais volte aqui, em todo o caso, pois não será mais admitido. Nossas sucursais também o recusarão. Exelmans! exclamei. Vamos, vamos, disse ele, aliás não se entende um décimo do que você diz. Sou tão velho, disse eu. Não é tão velho assim, disse ele. Permite que eu fique aqui mais um pouquinho, até que a chuva pare? Pode esperar no claustro, disse ele, a chuva não vai parar tão cedo. Pode esperar no claustro até as seis horas, escutará o sino. Se lhe fizerem perguntas terá de dizer apenas que tem permissão de se abrigar no claustro. Que nome devo dizer? disse eu. Weir, disse ele.

Não fazia muito tempo que eu estava no claustro quando a chuva parou e o sol apareceu. Ele estava baixo e então deduzi que não faltava muito para as seis horas, considerando a estação do ano. Fiquei ali olhando sob a arcada para o sol que se punha atrás do claustro. Surgiu um homem e me perguntou o que eu estava fazendo. O que deseja? foi o que ele disse. Muito gentil. Respondi que tinha

permissão do senhor Weir para ficar no claustro até as seis horas. Ele foi embora, mas voltou logo. Devia ter falado com o senhor Weir nesse meio-tempo, pois disse, Você não deve se demorar mais no claustro, já que a chuva parou.

Agora eu avançava através do jardim. Havia aquela luz estranha que encerra um dia de chuva persistente, quando o sol aparece e o céu se ilumina tarde demais para poder servir. A terra parece fazer um barulho de suspiro e as últimas gotas caem do céu esvaziado e sem nuvens. Um garotinho, entendendo as mãos e levantando a cabeça para o céu azul, perguntou à mãe como aquilo era possível. Me deixe em paz, disse a mãe. De repente me lembrei que tinha me esquecido de pedir para o senhor Weir um pedaço de pão. Com certeza ele teria me dado um pedaço de pão. Eu havia pensado nisso, durante nossa conversa, no vestibulo. Dizia cá comigo, terminemos primeiro o que estamos conversando, e depois pedirei. Sabia muito bem que não ficariam comigo. Bem que eu teria voltado, mas temia que um dos guardas me parasse me dizendo que nunca mais veria o senhor Weir. Isso aumentaria meu pesar. E além do mais nesses casos eu nunca voltava.

Na rua fiquei perdido. Fazia muito tempo que não punha os pés nessa parte da cidade, e ela me parecia bem mudada. Prédios inteiros haviam desaparecido, as cercas haviam mudado de lugar, e por todos os lados eu via, em letras grandes, nomes de comerciantes que nunca vira em parte alguma e que teria até mesmo dificuldade de pro-

nunciar. Havia ruas onde eu não me lembrava de ter visto nenhuma antes, várias das quais me lembrava haviam desaparecido e outras enfim mudado completamente de nome. A impressão geral era a mesma de antigamente. É verdade que eu conhecia bem mal a cidade. Talvez fosse outra cidade. Eu não sabia aonde devia ir. Tive muita sorte, várias vezes, de não ser esmagado. Eu era motivo de riso, daquele riso vigoroso e sem malícia, que faz tão bem para a saúde. Mantendo a parte vermelha do céu tanto quanto possível à minha direita, cheguei enfim ao rio. Ali tudo parecia, à primeira vista, mais ou menos tal como eu deixara. Mas com um olhar mais acurado eu teria provavelmente descoberto algumas mudanças. Foi o que fiz mais tarde. Mas o aspecto geral do rio, correndo entre os cais e sob as pontes, não mudara. O rio particularmente me dava a impressão, como sempre, de correr no sentido errado. Tudo isso são mentiras, eu sinto. Meu banco continuava em seu lugar. Fora feito conforme as curvas do corpo sentado. Ficava ao lado de um bebedouro, donativo de uma tal senhora Maxwell aos cavalos da cidade, de acordo com a inscrição. Durante o tempo em que fiquei ali, vários cavalos aproveitaram desse donativo. Eu ouvia as ferraduras e o tinido do arreio. Depois o silêncio. Era o cavalo que me olhava. Depois o barulho de cascalhos arrastados na lama que fazem os cavalos quando bebem. Depois de novo o silêncio. Era o cavalo de novo me olhando. Depois de novo os cascalhos. Depois de novo o silêncio. Até que o cavalo tivesse acabado de beber

ou o carreteiro julgasse que tivesse bebido o bastante. Os cavalos não estavam tranquilos. Uma vez, quando o barulho parou, me virei e vi o cavalo me olhando. O carreteiro também me olhava. A senhora Maxwell teria ficado contentente se tivesse podido ver seus bebedouros prestar tais serviços aos cavalos da cidade. Chegada a noite, após um longuíssimo crepúsculo, tirei o chapéu que me machucava. Tinha vontade de ficar de novo enfurnado, num lugar fechado, vazio e quente, com luz artificial, um lampião a querosene se possível, envolto por um quebra-luz rosa, de preferência. Alguém vinha de tempos em tempos assegurarse de que eu estava bem e não precisava de nada. Havia muito tempo que não tinha realmente vontade de coisa alguma e o efeito sobre mim foi horrível.

Nos dias seguintes, visitei vários imóveis, sem muito êxito. Na maioria das vezes batiam com a porta no meu nariz, até mesmo quando mostrava meu dinheiro, dizendo que pagaria uma semana adiantado, e até mesmo duas. Por mais que eu mostrasse minhas melhores maneiras, sorrisse e falasse distintamente, antes de eu terminar minha lábia batiam a porta no meu nariz. Aperfeiçoei nessa época um jeito de tirar o chapéu a um só tempo cortês e digno, sem baixeza nem insolência. Eu fazia deslizar com vivacidade o chapéu para a frente, segurava-o um instante de tal modo que não pudessem ver meu crânio, e então com o mesmo movimento tornava a pô-lo no lugar. Fazer isso com naturalidade, sem causar uma impressão desfavorável, não é

disse ele, está brincando, você estaria disposto a ser útil? Pouco depois continuou, Se acreditassem que estivesse realmente disposto a ser útil, ficariam com você, tenho certeza. Quantas vezes eu já dissera que seria útil, não ia recomeçar. Como me sentia fraco! Este dinheiro, disse eu, quem sabe eles não o aceitem de volta e fiquem comigo um pouco mais? Somos uma instituição de caridade, disse ele, e o dinheiro é um donativo que você recebe quando vai embora. Quando o tiver gastado deve arranjar mais, se quiser continuar. Nunca mais volte aqui, em todo o caso, pois não será mais admitido. Nossas sucursais também o recusarão. Exelmans! exclamei. Vamos, vamos, disse ele, aliás não se entende um décimo do que você diz. Sou tão velho, disse eu. Não é tão velho assim, disse ele. Permite que eu fique aqui mais um pouquinho, até que a chuva pare? Pode esperar no claustro, disse ele, a chuva não vai parar tão cedo. Pode esperar no claustro até as seis horas, escutará o sino. Se lhe fizerem perguntas terá de dizer apenas que tem permissão de se abrigar no claustro. Que nome devo dizer? disse eu. Weir, disse ele.

Não fazia muito tempo que eu estava no claustro quando a chuva parou e o sol apareceu. Ele estava baixo e então deduzi que não faltava muito para as seis horas, considerando a estação do ano. Fiquei ali olhando sob a arcada para o sol que se punha atrás do claustro. Surgiu um homem e me perguntou o que eu estava fazendo. O que deseja? foi o que ele disse. Muito gentil. Respondi que tinha

permissão do senhor Weir para ficar no claustro até as seis horas. Ele foi embora, mas voltou logo. Devia ter falado com o senhor Weir nesse meio-tempo, pois disse, Você não deve se demorar mais no claustro, já que a chuva parou.

Agora eu avançava através do jardim. Havia aquela luz estranha que encerra um dia de chuva persistente, quando o sol aparece e o céu se ilumina tarde demais para poder servir. A terra parece fazer um barulho de suspiro e as últimas gotas caem do céu esvaziado e sem nuvens. Um garotinho, estendendo as mãos e levantando a cabeça para o céu azul, perguntou à mãe como aquilo era possível. Me deixe em paz, disse a mãe. De repente me lembrei que tinha me esquecido de pedir para o senhor Weir um pedaço de pão. Com certeza ele teria me dado um pedaço de pão. Eu havia pensado nisso, durante nossa conversa, no vestibulo. Dizia cá comigo, terminemos primeiro o que estamos conversando, e depois pedirei. Sabia muito bem que não ficariam comigo. Bem que eu teria voltado, mas temia que um dos guardas me parasse me dizendo que nunca mais veria o senhor Weir. Isso aumentaria meu pesar. E além do mais nesses casos eu nunca voltava.

Na rua fiquei perdido. Fazia muito tempo que não punha os pés nessa parte da cidade, e ela me parecia bem mudada. Prédios inteiros haviam desaparecido, as cercas haviam mudado de lugar, e por todos os lados eu via, em letras grandes, nomes de comerciantes que nunca vira em parte alguma e que teria até mesmo dificuldade de pro-

fácil. Quando julgava que tocar no chapéu bastaria, naturalmente apenas o tocava. Mas tocar o chapéu também não é fácil. Mais tarde resolvi esse problema, de importância capital nos períodos difíceis, usando um velho quepe britânico e cumprimentando à moda militar, não, não é isso, não sei, eu tinha meu chapéu, afinal. Jamais cometi o erro de usar medalhas. Algumas mulheres tinham tanta necessidade de dinheiro que me deixavam passar imediatamente e me mostravam o quarto. Mas não pude me entender com nenhuma delas. Finalmente encontrei um porão onde me alojar. Com essa me entendi logo. Minhas fantasias, foi o termo que usou, não lhe causavam medo. Insistiu todavia em fazer a cama e limpar o quarto uma vez por semana, em lugar de uma por mês, como eu havia pedido. Ela me disse que durante a limpeza, que seria rápida, eu poderia esperar no patiozinho ao lado. Acrescentou, com muita compreensão, que jamais me poria na rua com mau tempo. Essa mulher era grega, acho, ou turca. Nunca falava de si mesma. Botei na cabeça que era viúva, ou no mínimo abandonada pelo marido. Tinha um sotaque esquisito. Mas eu também, de tanto assimilar as vogais e suprimir as consoantes.

Agora eu não sabia onde estava. Tinha uma vaga imagem, nem isso, não via nada, de uma grande casa de cinco ou seis andares. Parecia fazer corpo com outras casas. Quando cheguei, estava anoitecendo, e não dei aos arredores a atenção que teria dado se tivesse desconfiado que eles

se fechariam sobre mim. Acho que já não tinha, por assim dizer, esperança alguma. É verdade que quando deixei essa casa o tempo estava radioso, mas eu nunca olhava para trás quando ia embora. Eu devia ter lido em algum lugar, quando era pequeno e ainda lia, que era melhor não olhar para trás ao ir embora. E no entanto às vezes eu olhava. Mas mesmo sem olhar para trás me pareceu ter visto alguma coisa quando ia embora. Mas o quê? Só me lembro de meus pés saindo de minha sombra um após o outro. Os sapatos tinham se enrijecido e o sol deixava transparecer as rachaduras do couro.

Eu estava bem nessa casa, devo dizer. Fora alguns ratos, eu ficava sozinho no porão. A mulher fazia o possível para respeitar nosso acordo. Por volta do meio-dia trazia uma bandeja cheia e levava a do dia anterior. Ao mesmo tempo trazia um urinol limpo. Ele tinha uma grande asa na qual ela passava o braço, de modo a ficar com as duas mãos livres para carregar a bandeja. Depois disso não a via mais, senão por acaso, quando ela espiava para assegurar-se de que não me acontecera nada. Felizmente eu não precisava de afeição. De minha cama eu via pés indo e vindo na calçada. Certas noites, quando o tempo estava bom e eu de veia, ia com minha cadeira para o patiozinho e olhava por debaixo das saias das passantes. Assim me familiarizei com mais de uma perna. Uma vez mandei trazer um bulbo de água-fria e o plantei no patiozinho escuro, num velho vaso. Isso deve ter sido por volta da primavera, não era provavel-

mente a época certa. Deixei o vaso do lado de fora, amarrado a um barbante que passava pela janela. À noite, quando o tempo estava bom, um fio de luz galgava a parede. Então eu me instalava em frente à janela e puxava o barbante para manter o vaso na luz, e no calor. Não devia ser fácil, não vejo muito bem como eu fazia. Provavelmente não era a coisa certa. Eu o adubava como podia e mijava em cima quando o tempo estava seco. Talvez não fosse a coisa certa. Esverdeou, mas jamais deu flor alguma, nada além de um talo murcho ornado de folhas cloróticas. Ficaria contente em ter um agafreão amarelo, ou um jacinto, mas é isso, não tinha de ser assim. Ela quis levá-lo, mas eu disse para deixá-lo. Queria comprar outro para mim, mas lhe disse que não queria outro. O que mais me afligia eram os gritos dos vendedores de jornal. Passavam correndo todos os dias, às mesmas horas, os saltos dos sapatos batiam na calçada, gritavam o nome dos jornais e até mesmo as manchetes. Os barulhos que vinham da casa me afligiam menos. Uma menininha, a menos que fosse um menininho, cantava todas as tardes à mesma hora, em algum lugar acima de mim. Durante muito tempo não consegui entender as palavras. Mas de tanto ouvi-las quase todas as tardes acabei entendendo algumas. Palavras estranhas para uma menininha, ou um menininho. Era uma canção de minha cabeça ou vinha simplesmente de fora? Era uma espécie de canção de ninar, acho. Eu mesmo muitas vezes adormecia com ela. Às vezes era uma mocinha que vinha. Tinha longos ca-

belos ruídos que caíam em duas tranças. Eu não sabia quem era. Demorava-se um pouco pelo quarto, e então ia embora sem uma palavra. Um dia recebi a visita de um policial. Disse que eu devia ser vigiado, sem me explicar por quê. Suspeito, é isso, disse que eu era suspeito. Deixei-o falar. Não ousava me prender. Ou talvez fosse bom. Um padre também, um dia recebi a visita de um padre. Informei-lhe que pertencia a um ramo da Igreja reformada. Perguntou que tipo de pastor eu teria prazer em ver. A gente se perde na Igreja reformada, é inevitável. Talvez ele fosse bom. Disse para avisá-lo se por acaso eu precisasse de um serviço. Um serviço! Me deu seu nome e me explicou onde poderia encontrá-lo. Devia tê-lo anotado.

Um dia a mulher me fez uma proposta. Disse que precisava com urgência de dinheiro e que se eu pudesse pagar seis meses adiantado ela me daria um desconto de um quarto do aluguel durante esse período. Não devo estar muito enganado. Tinha a vantagem de me fazer ganhar seis semanas (?) de estadia e a desvantagem de esgotar quase todo o meu pequeno capital. Mas podia-se chamar isso de desvantagem? Não ficaria de qualquer modo até meu último tostão, e mesmo além, até que ela me pusesse para fora? Dei-lhe o dinheiro e ela me deu um recibo.

Certa manhã, pouco depois dessa transação, fui acordado por um homem que me sacudia pelos ombros. Não deviam ser mais do que onze horas. Pedi para que me levasse e deixasse sua casa imediatamente. Ele era muito

correto, devo dizer. Disse que estava tão surpreso quanto eu. Era sua casa. Sua propriedade. A turca havia partido no dia anterior. Mas eu a vi ontem à noite, disse eu. Você deve estar enganado, disse ele, pois ela levou as chaves ao meu escritório o mais tardar ontem de manhã. Mas acabo de lhe dar um adiantamento de seis meses de aluguel, disse eu. Que ela lhe reembolse, disse ele. Mas não sei o nome dela, disse eu, sem falar de seu endereço. Não sabe o nome dela? perguntou. Deve ter achado que eu estava mentindo. Estou doente, disse eu, não posso partir sem aviso prévio. Não está tão doente assim, disse ele. Propôs mandar buscar um táxi ou até mesmo uma ambulância, se eu preferisse. Disse que precisava do quarto, imediatamente, para seu porco, que estava apanhando friagem numa charrete, em frente à porta, e sendo vigiado apenas por um garoto que nem sequer conhecia e que provavelmente estava fazendo misérias com ele. Perguntei se ele não podia me ceder outro lugar, nada mais que um canto onde pudesse me deitar, o tempo de me refazer de minhas emoções e de tomar minhas providências. Disse que não podia. Não é que eu seja mau, acrescentou. Eu poderia morar aqui com o porco, disse eu, cuidaria dele. Os longos meses de calma, reduzidos a nada num instante! Calma, calma, disse ele, não se deixe levar, coragem, vamos, upa, de pé, já chega. Afinal aquilo não lhe dizia respeito. Ele havia sido realmente paciente. Devia ter visitado o porão enquanto eu dormia.

Eu me sentia fraco. Devia estar. A luz ofuscante me atordava. Um ônibus me levou para o campo. Sentei num prado, ao sol. Mas me parece que isso foi bem mais tarde. Espetei folhas debaixo e em torno de todo o meu chapéu, para fazer sombra. A noite foi fria. Caminhei durante horas pelos prados. Acabei encontrando um monte de esterco. No dia seguinte retomei o caminho da cidade. Fizeram-me descer de três ônibus. Sentei à beira da estrada, ao sol, e segui minhas roupas. Disso eu gostava. Dizia comigo, Nada mais, nada mais a fazer agora até que estejam secas. Quando seccaram, escovei-as com uma escova, um tipo de almofaça, acho, que encontrei numa estrebaria. As estrebarias sempre foram a minha salvação. Em seguida fui até a casa onde mendiguei um copo de leite e pão com manteiga. Deram-me tudo menos a manteiga. Posso descansar na estrebaria? me perguntei. Não, responderam. Eu ainda cheirava mal, mas gostava daquele cheiro. Preferia muito mais aquele mal-cheiro ao meu, que aliás ele me impedia de sentir, a não ser por lufadas. Nos dias seguintes tentei recuperar meu dinheiro. Não sei exatamente como isso se passou, se não pude encontrar o endereço, ou se o endereço não existia, ou se a grega não estava lá. Procurei o recibo nos bolsos, para tentar decifrar o nome. Não estava ali. Talvez ela o tivesse pegado enquanto eu dormia. Não sei por quanto tempo circulei assim, descansando ora num lugar, ora noutro, na cidade e no campo. A cidade havia sofrido muitas mudanças. O campo também já não era como eu me lembrava. O efei-

to geral era o mesmo. Um dia avistei meu filho. Com uma pasta debaixo do braço, ele apertava o passo. Tirou o chapéu e se inclinou e vi que era careca como um ovo. Eu tinha quase certeza de que era ele. Virrei-me para segui-lo com o olhar. Ele ia afobado, com seu andar de pato, acenando com o chapéu para todos os lados e outras bajulações do gênero. O insuportável filho da puta.

Um dia encontrei um homem que havia me conhecido em outros tempos. Vivia numa caverna à beira-mar. Tinha um burro que pastava ao longo dos penhascos, ou nas pequenas trilhas que desciam para o mar. Quando o tempo estava muito ruim, esse burro vinha por conta própria para a caverna e se abrigava, enquanto durasse o temporal. Haviam passado muitas noites juntos, agarrados um ao outro, enquanto o vento uivava e o mar troava na praia. Graças ao burro ele podia entregar areia, alga e mariscos aos cidadãos, para seus jardinzinhos. Ele não podia transportar muito de uma só vez, pois o burro era velho, pequeno também, e a cidade ficava longe. Mas assim ganhava um pouco de dinheiro, o bastante para comprar tabaco e fósforos e de vez em quando um pedaço de pão. Foi durante uma dessas saídas que me encontrou, no subúrbio. Ficou encantado em me rever, o coitado. Suplicou-me para acompanhá-lo até sua casa e lá passar a noite. Fique o tempo que quiser, disse ele. O que há com seu burro? perguntei. Não ligue, respondeu, ele não o conhece. Lembrei-lhe que não tinha o hábito de ficar com ninguém mais de

dois ou três minutos seguidos e que tinha horror de mar. Ele pareceu desolado. Então você não vem, disse ele. Mas para o meu espanto montei no burro e seguimos em frente, à sombra dos castanheiros vermelhos que brotavam da calçada. Agarrei-me à sua crina, com as duas mãos. Os garotinhos zombavam de nós e nos jogavam pedras, mas miravam mal, pois só fui atingido uma única vez, no chapéu. Um guarda nos parou e nos acusou de perturbar a paz pública. Meu amigo replicou que estávamos exatamente como a natureza nos tinha feito e os garotos também. Era inevitável, nessas condições, que a paz pública fosse perturbada de tempos em tempos. Deixe-nos seguir nosso caminho, disse ele, e a paz logo voltará, em seu setor. Seguimos pelas calmas veredas do interior, brancas de poeira, com sebes de pilriteiros e fúcsias, e as bordas com franjas de erva-daninhas e margaridas. Anoiteceu. O burro me carregou até a boca da caverna, pois eu não poderia seguir, no escuro, a trilha que descia para o mar. Depois tornou a subir para o pasto.

Não sei quanto tempo fiquei ali. Eu estava bem na caverna, devo dizer. Tratava meus chatos com água do mar e algas, mas um bom número de lêndas deve ter sobrevivido. Cuidava de meu crânio com compressas de alga, o que me fez um bem enorme, mas passageiro. Ficava deitado na caverna e às vezes olhava para o horizonte. Via acima de mim uma vasta extensão palpitante, sem ilhas nem promontórios. À noite uma luz iluminava a caverna, em inter-

valos regulares. Foi ali que encontrei meu frasco, no bolso. Não estava quebrado, o vidro não era vidro de verdade. Achava que o senhor Weir tinha tirado tudo de mim. O outro ficava fora a maior parte do tempo. Ele me dava peixe. É fácil para um homem, um homem de verdade, viver numa caverna, longe de todos. Ele me convidou para ficar o tempo que quisesse. Se eu preferisse ficar sozinho, ele teria o prazer de arrumar outra caverna para mim, um pouco mais longe. Traria comida para mim todos os dias e viria de vez em quando se assegurar de que eu estava bem e não precisava de nada. Ele era bom. Eu não precisava de bondade. Você não conheceria uma caverna lacustre? perguntei. Eu suportava mal o mar, suas ondulações, tremores, marés e convulsividade geral. O vento ao menos pára às vezes. Minhas mãos e pés formigavam. O mar me impedia de dormir durante horas a fio. Mais dia menos dia me aconteceria uma desgraça aqui, disse eu, então de que me adiantaria? Você se afogaria, disse ele. Sim, disse eu, ou me jogaria do penhasco. E eu que não poderia viver em nenhum outro lugar, disse ele, em minha cabana na montanha eu era muito infeliz. Sua cabana na montanha? perguntei. Repetiu a história da cabana na montanha, havia me esquecido dela, era como se a ouvisse pela primeira vez. Perguntei-lhe se ainda a tinha. Respondeu que não tornara a vê-la desde o dia em que havia fugido de lá, mas achava que ela continuava no mesmo lugar, um pouco mais estragada, sem dúvida. Mas quando insistiu para que eu pegasse as chaves recusei,

dizendo que havia tomado outras providências. Você me encontrará sempre aqui, disse ele, se um dia precisar de mim. Ah as pessoas. Deu-me sua faca.

O que ele chamava de sua cabana era uma espécie de barraco de madeira. A porta havia sido tirada, para fazer fogo, ou com outro intuito. A janela já não tinha vidro. O telhado desmoronara em vários lugares. O interior era dividido, por restos de um tabique, em duas partes desiguais. Se tivera móveis, não os tinha mais. Os atos mais vis haviam sido cometidos ali, no chão e junto às paredes. O chão estava coberto de excrementos, de homem, de vaca, de cachorro, assim como de preservativos e vômitos. Num monte de esterco desenharam um coração, cravado por uma flecha. Não era entretanto um lugar concorrido. Notei vestígios de buquês abandonados. Vorazmente colhidos, carregados durante horas a fio, acabaram jogados fora, por pesarem demais ou já estarem murchos. Era dessa maneira que tinham me oferecido as chaves.

Ao redor a cena era aquela já familiar de grandeza e desolação.

Ainda assim era uma moradia. Eu descansava sobre um leito de filfolhas que a muito custo eu mesmo colhiera. Um dia não pude me levantar. A vaca me salvou. Fustigada pelo nevoeiro glacial veio se abrigar. Provavelmente não era a primeira vez. Não parecia me ver. Tentei mamar nela, sem muito êxito. Sua teta estava coberta de esturme. Tirei meu chapéu e comeci a ordenhá-la ali dentro, apelando

para minhas últimas forças. O leite se derramava pelo chão, mas disse cá comigo. Não faz mal, é de graça. Ela me arrastou pelo solo, parando só de vez em quando para me dar um coice. Eu não sabia que até nossas vacas podiam ser malvadas. Devia ter sido ordenhada recentemente. Agar-rando-me com uma das mãos à teta, com a outra man-tinha o chapéu no lugar. Mas ela acabou levando a melhor. Pois me arrastou porta afora e até as filifolhas gigantes e or-valhadas, onde fui forçado a largá-la.

Bebendo o leite me repreendi pelo que acabara de fazer. Não podia mais contar com a vaca e ela avisaria as ou-tras. Mais senhor de mim, poderia ter feito dela uma amiga. Ela teria vindo todos os dias, seguida talvez por ou-tras vacas. Eu teria aprendido a fazer manteiga, queijo. Mas disse comigo, Não, tudo é para o melhor.

Uma vez na estrada, tinha apenas de descer a ladeira. Logo apareceram charretes, mas todas me recusaram. Se usasse outras roupas, tivesse outro rosto, teriam me aceita-do, talvez. Eu devia estar mudado desde que fora expulso do porão. O rosto especialmente devia ter atingido seu cli-matério. O sorriso humilde e ingênuo já não vinha, nem a expressão de miséria cândida, contendo as estrelas e os fusos. Eu os chamava, mas não vinham. Máscara de velho couro sujo e peludo, já não queria fazer por favor e obriga-do e desculpe. Era desastroso. Com o que rastejaria, no fu-turo? Deitado à beira da estrada, começava a me contorcer cada vez que ouvia vir uma charrete. Era para que não pen-

sassem que eu estivesse dormindo ou descansando. Tenta-va gemer, Socorro! Mas o tom que saía era o da conversa corriqueira. Já não podia gemer. Minha hora ainda não havia chegado e eu já não podia gemer. A última vez que precisei gemer, gemit, bem, como sempre, e isso sem ter de partir coração algum. O que ia ser de mim? Disse comigo, Reaprenderei. Deitei-me no meio da estrada, numa parte onde ela era estreita, de modo que as charretes não pudes-sem passar sem passar por cima de meu corpo, com uma roda ao menos, com duas, se tivessem quatro. Do urbanista de barba vermelha, tiraram a vesícula biliar, um grande erro, e três dias depois ele morria, na flor da idade. Mas chegou o dia em que, olhando ao meu redor, encontrei-me nos subúrbios e dali aos velhos rumos não era longe, além da estúpida esperança de descanso ou de menor esforço.

Cobri portanto a parte inferior do rosto com um trapo preto e fui pedir esmola numa esquina ensolarada. Pois me parecia que meus olhos não estavam completamente apa-gados, graças talvez aos óculos escuros que meu preceptor me dera. Ele me dera a *Ética*, de Geulincz. Eram óculos de homem, eu era uma criança. Foi encontrado morto, caído no w.c., com as roupas terrivelmente desarrumadas, fulmi-nado por um infarto. Ah que paz. A *Ética* trazia o nome dele (Ward) na página de rosto, os óculos pertenceram a ele. A ponte, na época de que falo, era de arame, do tipo que se usa para pendurar quadros e espelhos grandes, e duas longas fitas pretas serviam de hastes. Eu as enrolava

em volta das orelhas e as trazia para debaixo do queixo, onde dava um nó. As lentes tinham sofrido, de tanto se roçarem no bolso uma contra a outra e contra os outros objetos que ali se encontravam. Pensava que o senhor Weir tinha tirado tudo de mim. Mas eu já não precisava desses óculos e só os usava para abrandar o brilho do sol. Teria sido melhor não falar deles. O trapo me causou muito transtorno. Acabei tirando-o do forro de meu casaco, não, não tinha mais casaco, de meu paletó, então. O resultado foi um trapo mais parecido com cinza, ou até mesmo xadrez, mas me contentei com ele. Até a tarde mantinha o rosto voltado para o céu do sul, depois para o do oeste até a noite. A tigela me causou muito transtorno. Eu não podia utilizar o chapéu por causa de meu crânio. Quanto a estender a mão, estava fora de questão. Arranjei então uma lata e a pendurei num botão de meu casaco, mas o que há comigo, de meu paletó, na altura do púbis. Ela não ficava em pé, inclinava-se respeitosamente para o passante, ele só tinha de deixar cair ali a moeda. Mas isso o obrigava a chegar bem perto de mim, corria o risco de me roçar. Acabei arranjando uma lata maior, uma espécie de lata grande, e a pus na calçada, a meus pés. Mas as pessoas que dão esmola não gostam muito de jogá-la, o gesto tem qualquer coisa de desdenhoso, que repugna aos sensíveis. Sem contar que devem mirar. Querem dar, mas não querem que a moeda role sob os pés dos passantes ou sob as rodas dos carros, onde qualquer um pode pegá-la. Então não dão. Há os que

evidentemente se abaixam, mas em geral as pessoas que dão esmola não gostam de ser obrigadas a se abaixar. Gostam é de avistar o coitado de longe, preparar o pênalti, largá-lo em pleno movimento e ouvir o *Deus lhe pague!* entruaqui-do pela distância. Eu não dizia isso, não era muito crente, nem nada parecido, mas fazia assim mesmo um barulho, com a boca. Acabei arranjando uma espécie de tabuleiro que amarrei com um barbante no pescoço e na cintura. Ele tinha uma saliência justamente na altura certa, a do bolso, e a beirada era afastada o bastante de minha pessoa para que pudessem pôr ali o óbolo sem perigo. Às vezes, flores, pétalas, espigas e aquele tipo de erva que se chama, acho, erva-pulgueira, enfim, o que eu encontrava podia ser visto ali. Não as procurava, mas todas as coisas bonitas desse tipo que caíam em minha mão, eu guardava para o tabuleiro. Podiam pensar que eu amava a natureza. Olhava para o céu a maior parte do tempo, mas sem fixá-lo. Na maioria das vezes era uma mistura de branco, azul e cinza, e ao anoitecer outras cores vinham se juntar a estas. Sentia que ele pesava com suavidade sobre meu rosto, esfregava nele o rosto balançando-o de um lado para o outro. Mas muitas vezes eu deixava cair a cabeça no peito. Então via o tabuleiro ao longe, todo anuviado e colorido. Apoiava-me contra o muro, mas sem desleixo, transferia meu peso de um pé para o outro e agarrava com as mãos as lapelas de meu paletó. Mendigar com as mãos no bolso causa má impressão, irrita os trabalhadores, sobretudo no inverno. Também

nunca se deve usar luvas. Havia garotos que, sob o pretexto de me darem uma moeda, levavam tudo o que eu tinha ganhado. Era para comprar balas. Eu desabotoava discretamente a calça para me coçar. Coçava-me de baixo para cima com quatro unhas. Puxava os pêlos, para me aliviar. Passava o tempo, o tempo passava quando eu me coçava. A verdadeira coça é superior à punheta, na minha opinião. É possível tocar punheta até por volta dos cinquenta, e mesmo depois, mas isso acaba sendo um mero hábito. Para me coçar as duas mãos não me bastavam. Tinha coceiras em todos os lugares, nas partes íntimas, nos pêlos até o umbigo, debaixo do braço, no cu, e com isso placas de eczema e de psoríases que causavam comichão só de pensar nelas. Era no cu que eu sentia mais prazer. Enfiava ali o indicador, até o metacarpo. Se em seguida precisasse cagar, sentia uma dor do cão. Mas dificilmente cagava. De vez em quando, passava um avião não muito rápido, me parecia. Muitas vezes me acontecia, no final do dia, de achar o fundo das calças molhado. Deviam ser os cachorros. Eu dificilmente mijava. Se por acaso a vontade me vinha, eu a acalmava soltando um fiozinho na braguilha. Uma vez em meu posto, não o deixava mais até a noite. Dificilmente comia, Deus media o vento para mim. Depois do trabalho comprava uma garrafa de leite, que bebia à noite na cocheira. Ou melhor, mandava um garoto comprar, sempre o mesmo, a mim eles não queriam servir, não sei por quê. Dava-lhe um pêni por sua pena. Um dia assisti a uma cena

estranha. Normalmente não via grande coisa. Também não ouvia grande coisa. Não prestava atenção. No fundo não estava ali. No fundo acho que nunca estive em lugar algum. Mas aquele dia devo ter voltado. Já havia algum tempo que um barulho me incomodava. Não procurei a causa, pois dizia comigo, Vá parar. Mas como não parava não tive outro remédio senão procurar a causa. Era um homem em cima da capota de um carro, arengava aos passantes. Pelo menos foi assim que entendi a coisa. Ele gritava tão alto que trechos de seu discurso chegavam até mim. União... irmãos... Marx... capital... bife... amor. Eu não entendia nada. O carro estava parado junto da calçada, na minha frente, eu via o orador de costas. De repente ele se virou e me pôs na berlinda. Olhem esse maltrapilho, clamava, esse dejetos. Se não fica de quatro é porque tem medo da carrocinha. Velho, piolhento, podre, pronto para o lixo. E existem mil como ele, piores do que ele, dez mil, vinte mil — Uma voz, Trinta mil. O orador retomou, Todos os dias vocês passam em frente e quando ganham nas corridas largam suas migalhas. Vocês já pensaram? A voz, Não. Claro que não, continuou, faz parte do cenário. Um pêni, dois pênis — A voz, Três pênis. Não lhes passa pela cabeça, continuou, que é a servidão, o embrutecimento, o assassinato organizado, que vocês incentivam assim com suas divas criminosas. Olhem só este supliciado, este esfolado. Dirão que é por sua própria culpa. Perguntem a ele se é por sua própria culpa. A voz, Pergunte você mesmo. Então ele

se abaixou e me interpelou. Eu havia aperfeiçoado meu tabuleiro. Ele consistia agora em dois pedaços ligados por dobradiças, o que me permitia, uma vez terminado o trabalho, dobrá-lo e carregá-lo debaixo do braço, eu adorava fazer essas engenhocas. Tirei então o trapo, pus no bolso as poucas moedas que ganhara, desamarei o tabuleiro, o dobrei e o meti debaixo do braço. Mas diga alguma coisa, seu imolado! berrou o orador. E então fui embora, apesar de ser ainda dia. Mas de modo geral a esquina era tranqüila, animada sem ser agitada, próspera e decente. Devia ser um fanático religioso, não achava outra explicação. Talvez tivesse escapulado do manicômio. Tinha uma cara boa, um tanto corada.

Eu não trabalhava todos os dias. Quase não tinha despesas. Conseguia até economizar, para os dias derradeiros. Os dias em que não trabalhava eu ficava deitado na cocheira. Ela ficava à beira do rio, numa propriedade privada, ou que o havia sido. Essa propriedade, cuja entrada principal dava para uma rua escura, estreita e silenciosa, era cercada por um muro, exceto, naturalmente, do lado do rio, que marcava o limite setentrional, num comprimento de uns trinta passos. Em frente, na outra margem, estavam os cais, e um emaranhado de casas baixas, terrenos baldios, cercas e chaminés, flechas e torres. Via-se também uma espécie de esplanada onde soldados jogavam futebol, o ano todo. Apenas as janelas — não. A propriedade parecia abandonada. A grade estava fechada. O capim invadia as aléias. Ape-

nas as janelas do térreo tinham venezianas. As outras se iluminavam às vezes à noite, tenuemente, ora uma, ora outra, era a impressão que eu tinha. Podia ser um reflexo qualquer. No dia em que adotei essa cocheira, encontrei ali um bote, com a quilha para cima. Virei-o, calcei-o com pedras e pedaços de madeira, tirei os bancos e fiz dele minha cama. Os ratos tinham dificuldade de chegar até mim, devido à inclinação do casco. No entanto tinham muita vontade. Pensem só, carne viva, pois apesar de tudo eu ainda era carne viva. Havia muito tempo que vivia no meio dos ratos, em minhas moradias casuais, para que tivesse a fobia habitual. Tinha até mesmo uma espécie de simpatia por eles. Vinham com tanta confiança em minha direção, pelo jeito sem a menor repugnância. Limpavam-se com gestos de gato. Os sapos, esses, à noite, imóveis durante horas, engolem as moscas. Ficam em lugares em que o coberto se torna descoberto, gostam das soleiras. Mas se tratava de ratos d'água, de uma magreza e uma ferocidade excepcionais. Construí, portanto, com tábuas diversas, uma tampa. É incrível o número de tábuas que pude encontrar em minha vida, cada vez que precisava de uma tábua ela estava ali, tinha apenas de me abaixar. Gostava de fazer esses tabalinhos, não, nem tanto, assim, assim. Ela cobria completamente o bote, falo agora novamente da tampa. Empurrava-a um pouco para trás, entrava no bote pela proa, rastejava até a popa, levantava os pés e tornava a empurrar a tampa para a frente até que me cobrisse completamente.

O empurrão se exercia contra uma travessa saliente que eu tinha fixado na parte de trás da tampa para esse fim, gostava muito desses trabalhos. Mas era melhor entrar no bote por trás, puxar a tampa com as duas mãos até que ela me cobrisse completamente e empurrá-la do mesmo modo quando quisesse sair. Como alça para as mãos, preguei dois grandes pregos, onde era preciso. Esses trabalhos de carpintaria, se uso dizer, executados com instrumentos e materiais casuais, não me desagradavam. Eu sabia que logo estaria acabado, então eu fazia o papel, você sabe, fazia o papel de — como dizer, não sei. Eu estava bem no bote, devo dizer. Minha tampa se ajustava tão bem que tive de furá-la. Não se deve fechar os olhos, deve-se deixá-los abertos no escuro, é minha opinião. Não falo do sono, falo do que se chama, creio, vigília. Aliás, eu dormia muito pouco nessa época, não tinha vontade, ou tinha vontade demais, não sei, ou tinha medo, não sei. Deitado de costas, não via nada, senão vagamente, bem acima de minha cabeça, através de minúsculas frestas, a luz cinza da cocheira. Não ver absolutamente nada, não, é demais. Ouvia abafados os gritos das gaivotas rapinando bem perto em volta da boca dos esgotos. Numa efervescência amarelada, se não me falha a memória, as inundícias se uniam ao rio, pássaros rodopiavam acima, gralhando de fome e de raiva. Eu ouvia a água batendo contra o cais, contra a margem, e o outro ruído, tão diferente, de marulho, também o ouvia. Eu mesmo, quando me deslocava, era menos barco do que

onda, ao que me parecia, e minha quietude era a quietude dos redemoinhos. Isso pode parecer impossível. A chuva também, eu a ouvia freqüentemente, chovia freqüentemente. Às vezes uma gota, atravessando o telhado da cocheira, vinha estourar em mim. Tudo isso era mais líquido que qualquer outra coisa. A tudo isso se juntava a voz do vento, é claro, ou melhor, as vozes tão variadas de suas brincadeiras. Mas o que é isso? Murmúrios, uivos, gemidos e suspiros. Eu teria preferido marteladas, pam, pam, pam, dadas no deserto. Eu peidava, é óbvio, mas dificilmente um peido seco, aquilo saía com um barulho de bomba de água fundindo-se no imenso nunca. Não sei quanto tempo fiquei ali. Eu estava bem em minha caixa, devo dizer. Parecia-me que tinha adquirido independência nos últimos anos. Que não viessem mais, que não pudessem mais vir, perguntar-me se eu ia bem e se não precisava de nada, já não me fazia mal. Eu estava bem, sim, perfeitamente, e o medo de ficar mal já não se fazia sentir. Quanto às minhas necessidades, elas se reduziram praticamente às minhas dimensões e, sob o ângulo da qualidade, tão requintadas que qualquer socorro estava excluído, desse ponto de vista. Saber que eu tinha um ser, por mais fraco e falso que fosse, fora de mim, tinha tido outrora o dom de me comover. A gente se torna selvagem, é inevitável. E às vezes nos perguntamos se estamos no planeta certo. Até mesmo as palavras nos abandonam, não é preciso dizer mais nada. Talvez seja o momento em que os vasos param de comunicar,

vocês sabem, os vasos. A gente ainda está ali entre dois rúmos, sem dúvida é sempre a mesma ladainha, mas, santo Deus, ninguém diria. Acontecia de eu querer empurrar a tampa e sair do bote, sem poder, de tão preguiçoso e fraco que estava, de tão bem que estava ali no fundo. Eu as sentia próximas, as glaciais e tumultuosas ruas, os rostos aterroutantes, os barulhos que cortam, furam, rasgam, ferem. Esperava portanto que a vontade de cagar, e mesmo de mijar, me desse forças. Não queria sujar meu ninho! Isso porém acontecia, e até mesmo cada vez com mais freqüência. Tirava as calças me arqueando, virava-me um pouco para o lado, o suficiente para liberar o buraco. Conseguir fazer um reino, em meio à merda universal, e depois cagar em cima, isso era bem eu. Meus excrementos eram eu, é óbvio, mas ainda assim. Chega, chega, as imagens, cá estou eu a ver imagens, eu que nunca via, a não ser às vezes quando dormia. Acho que nunca tinha visto, propriamente falando. Quando pequeno talvez. Assim o quer meu mito. Sabia que eram imagens, já que era noite e estava sozinho no bote. O que mais podiam ser? Estava portanto em meu bote e deslizava sobre as águas. Não precisava remar, o refluxo me levava. Aliás não via remos, deviam tê-los levado. Eu tinha uma tábua, um pedaço de banco talvez, e a usava quando me aproximava demais da margem ou quando via vir um pedaço de ponte ou uma balsa ancorada. Havia estrelas no céu, nada mal. Não sabia que tempo fazia, não sentia frio nem calor e tudo parecia calmo. As margens se afasta-

vam cada vez mais, era inevitável, já não as via. Raras e fracas luzes marcavam o afastamento crescente. Os homens dormiam, os corpos refaziam forças para os labores e as alegrias do amanhã. O bote já não deslizava, sacudia, jogado pela marola do alto-mar que começava. Tudo parecia calmo, e no entanto a espuma se esparramava por cima do bordo. O ar marinho me rodeava agora por todos os lados, não tinha mais que a proteção da terra, e é pouca coisa, a proteção da terra, nessas condições. Via os faróis, em número de quatro, dos quais um barco-farol. Conhecia-os bem, quando pequeno já os conhecia. Era de noite, estava com meu pai num monte, ele me segurava pela mão. Teria preferido que me puxasse contra si, num gesto de amor protetor, mas ele não tinha cabeça para isso. Ensinava-me também os nomes das montanhas. Mas, para acabar com essas imagens, via também as luzes das bóias, parecia que estavam por toda a parte, vermelhas, verdes, e até, para meu espanto, amarelas. E no flanco da montanha, que agora desobstruída se erguia por detrás da cidade, os incêndios passavam do ouro ao vermelho, do vermelho ao ouro. Eu sabia bem o que era, eram as giestas que queimavam. Eu mesmo quantas vezes pusera fogo nelas, com um fósforo, quando pequeno. E bem mais tarde, de volta a casa, antes de me deitar, olhava de minha janela alta o incêndio que provocara. Nesta noite, portanto, cheia de débeis cintilações, no mar, na terra e no céu, eu vogava à mercê da maré e das correntezas. Notei que meu chapéu estava amarrado,

por um barbante, sem dúvida, numa casa de botão. Levantei-me do banco, na parte de trás do bote, e um grande retinido se fez ouvir. Era a corrente que, fixada na frente, vinha se enrolar em volta de minha cintura. Eu devia ter feito de antemão um furo nas tábuas do fundo, pois ali estava eu de joelhos tentando fazê-lo, com auxílio da faca. O furo era pequeno e a água subiria lentamente. Levaria uma meia hora, tudo incluído, salvo imprevistos. Sentado agora na parte de trás, as pernas esticadas e as costas bem calcadas contra a sacola forrada de capim que me servia de almofada, engoli o calmanete. O mar, o céu, a montanha, as ilhas vieram esmagar-me numa imensa sístole, depois se afastaram até os confins do espaço. Eu pensava vagamente e sem remorso no relato que por um triz não fiz, relato à imagem de minha vida, ou seja, sem coragem de terminar nem força de continuar.